

CIDADES, MEMÓRIA E NARRATIVA

Lucilia de Almeida Neves – PUC-MG

Cidades: caleidoscópios da memória

As cidades, como espaço de vivências coletivas, são paisagens privilegiadas de registros da memória. A pena dos escritores faz dessas paisagens personagens vivas de narrativas que, na interseção com a História, expressam, de forma policromática, a vida das pessoas no cotidiano de suas ruas, praças, cafés, escolas, museus, residências, universidades, fábricas, repartições públicas, bares, cinemas. As cidades são cristais de múltiplas faces espaciais e temporais, cristais de variadas luzes, dentre elas as da memória, que, com sua temporalidade sempre em movimento, reencontra os lugares do ontem com os sentimentos do presente.

Pedro Nava e Jorge Luís Borges, em viagem pelas alamedas das lembranças das cidades nas quais viveram, registram em seus textos uma poética viva do passado, transformada ora em ficção, ora em memória, ora em relação tensionada do lembrar com o esquecer. Suas narrativas são longos passeios, através das letras e dos locais preservados pela memória, e por ela reconstruídos, ora com toques de imaginação, ora com reverência à tradição, ora com paradoxal ressentimento em relação ao inexorável fluir do tempo.

Para Borges, as ruas de Buenos Aires, são suas próprias entranhas, seu mundo interior habitado por edificações, cheiros, passeios, povo:

As ruas de Buenos Aires já são minhas entranhas.
Não as ávidas ruas,
incômodas de turba e de agitação,
mas as ruas entediadas do bairro,
quase invisíveis de tão habituais..¹

Já Nava desenvolve diferentes recursos literários para se referir às ruas das cidades de seu passado, mitificando-as como muito apraz à memória e à nostalgia:

Ah! jamais (Belo Horizonte) sacudirá o jugo do velho crepúsculo da tarde morrendo varrida de ventos, da lembrança submarina dos fícus e dos moços que subiam e desciam a Rua da Bahia. Não a Rua da Bahia de hoje. A de ontem. A dos anos vinte. A de todos os tempos, a sem fim no espaço, a inconclusa nos amanhãs. Nela andarão sempre as sombras de Carlos Drummond de Andrade, de seus sequazes, cúmplices, amigos...²

E também, reencontrando-as como espaço de movimento, de vida, de lazer, de jogar tempo fora, de passear em direção a desconhecido futuro que, transformado em presente, o faz, como escritor, retornar ao passado, como se caminhasse por um mapa afetivo de lugares.

Ruávamos quase o dia inteiro. Nossa vida era um ir e vir constante nas ruas de Belo Horizonte. E o mais estranho é que hoje elas se esvaíram completamente. Mesmo voltando, mesmo palmilhando os lugares essenciais de nossa mocidade é impossível captar as velhas ruas como elas eram a não ser refazendo-as imaginariamente ou agarrando fragmentos fornecidos pelo sonho.

As ruas são lugares vivos das cidades, são locais de tensões, são movimentos em busca de encontros. São também, como as cidades, simultaneamente, signos de tradições e signos de transformações. Desse paradoxo brota, muitas vezes, a inspiração de escritores que sacralizam o passado em contraposição à inevitável característica da urbe: a modernização, assim traduzida pelas palavras de Saul Yurkievich: “A modelatria é uma devoção cidadã.”³

Nesse sentido, a literatura assume, inúmeras vezes, a função de lembrar e reforçar as tradições das cidades. Torna-se voz e eco de um tempo que aos poucos tende a se perder nas teias da modernidade e no culto do novo. Pedro Nava e Jorge Luís Borges fazem da memória substrato de seus textos. Nava, de forma deliberada, na série

de seis livros que o consagraram como escritor em plena maturidade. Borges em escritos diversos, no vasto conjunto de sua obra, em cerca de sessenta anos de produção literária.

Os dois autores consagram às cidades parte substantiva de sua recordação recorrendo, inúmeras vezes, à reminiscência sobre o que se perdeu ao longo do tempo (nostalgia e esquecimento). Borges centra o eixo de suas lembranças em Buenos Aires, cidade de sua saudade e de sua vida por ele identificada como paraíso perdido.

Nasci em outra cidade que também se chamava Buenos Aires [...]

Recordo o que vi e o que me contaram meus pais [...]

Sei que os únicos paraísos não proibidos aos homens são os paraísos perdidos.

Buenos Aires, renovada e perdida no tempo: “Do outro lado da porta, certo homem feito de solidão, de amor, de tempo, acaba de chorar em Buenos Aires, todas as coisas”. E ainda: “Se penso em Buenos Aires, penso na Buenos Aires que conheci quando era criança: de casas térreas, de pátios, de vestíbulos, de poços com uma tartaruga, de janelas gradeadas, e antigamente essa Buenos Aires era toda Buenos Aires...”.

Já Nava caminha por três diferentes cidades – Juiz de Fora, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. De Juiz de Fora, recorda-se de uma avenida que, sendo a mesma até os dias presentes, muito se transformou ao longo dos anos: “E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a avenida Rio Branco hesitou minha vida!”

Em seguida, volta-se para anos passados em Belo Horizonte, cidade para a qual sua família se mudou. Belo Horizonte, que para ele simboliza toda Minas Gerais: “Do Belo Horizonte (não esse, mas o outro, que só vive na dimensão do tempo) É o bojo de Minas. De Minas toda de ferro pesando na cabeça, vergando os ombros e dobrando os joelhos dos seus filhos”. Belo Horizonte, que alvorecia, ganhava contornos e personalidade e que ficará em sua lembrança, estagnada no tempo, mas repleta das inexoráveis mudanças inerentes à modernidade:

Eu conheci esse pedaço de Belo Horizonte, nele padeci, esperei, amei, tive dores de corno augustas, discuti e neguei. Conhecia todo mundo. Cada pedra das calçadas, cada tijolo das sarjetas, seus bueiros, os postes, as árvores. Distinguia seus odores e as cores de todas as horas. Ali vivi de meus dezessete aos meus

vinte quatro anos. Vinte anos nos anos vinte. Vinte. Sete anos que valeram pelos que tinha vivido antes e que viveria depois. Hoje, aqueles sete anos, eles só existem na minha lembrança. Mas existem como sete ferretes e doendo sete vezes sete quarenta e nove vezes sete quarenta e três ferros pungindo em brasa.

Cenários Urbanos: nostalgia do espaço

O memorialista, para se identificar com o leitor, trabalha com duas categorias inerentes ao ato de recordar: espaço e tempo. Reencontrar temporalidades é também reencontrar lugares e identidades.

Na busca do espaço, reencontramos a ansiosa busca de identidades ameaçadas, já que lugares e objetos materiais aparecem como imutáveis, portanto como fatores de estabilidade capazes de referenciar pessoas, garantindo-lhes identidade. Em contrapartida, a mobilidade do espaço e das coisas nele situadas e a indeterminação dos lugares desorganizam referenciais.⁴

Como narrador, o memorialista reconstrói lugares perdidos pela inexorável transformação paisagística da urbe. Reconstrói, buscando nas réstias do passado imagens paradoxais, intactas nas suas lembranças, mas na realidade transformadas em novos espaços, que representarão para as novas gerações outras imagens, que se tornarão suportes de novas memórias (memória em movimento). “É preciso corrigir os homens sem imaginação. Isto aqui, este espaço todo é a Fundação Getúlio Vargas. Não senhor! Aqui era a casa do Barão de Itambi, quando vizinho do Doutor Torres Homem e mais adiante a já derrubada casa onde Bidu Saião aprendeu a cantar”

Diante da fragmentação da vida os espaços (lugares) são fundamentais para a construção e solidificação de identidades. Segundo Rodrigues⁵, a identidade tem fronteiras delimitadas, como as das cidades. São as cidades que alimentam o imaginário sobre elas mesmas e que através de suas edificações, praças, ruas e alamedas definem para as pessoas referências e sentimentos fundamentais de sua vida.

Assim, para Borges, lembrar de um lugar desaparecido do cenário urbano mais do que reativar a memória é reviver experiências passadas, que o identificam com Buenos Aires.

Tudo começou antes da ditadura. Eu estava empregado em uma biblioteca do bairro Almagro. Morava na esquina de Lãs Heras com Pueyrrendón, tinha de percorrer, em lentos e solitários bondes, o longo trecho entre este bairro do Norte e Almagro Sur, até uma biblioteca situada na avenida La Plata com Carlos Calvo. O acaso [...] fez-me encontrar três pequenos volumes na Livraria Mitchell, hoje desaparecida, que tantas lembranças me traz.

Nava também se reporta aos espaços das cidades perdidos no tempo, apagados do cenário urbano pelo furor incontrolável da modernização. Espaços que eram lugares íntimos por serem plenos de significados e vivências da intimidade com as ruas, com o ambiente urbano. Lugares centrais em sua vida, núcleos de lembranças e de relações afetivas. Ao se referir ao Bar do Ponto em Belo Horizonte, Nava o transforma não só no centro de sua vida, como também no centro do mundo

Escrevi à Tia Alice carta que releio comovido, para avivar minhas lembranças dessa fase. Nela dizia: “Agora estamos a três quarteirões do Bar do Ponto, que é o centro!” Eu me referia ao centro da cidade, mas logo veria que aquilo era o centro de Minas, do Brasil, do Mundo, mundo vasto mundo.

Também sobre as transformações por que passam as cidades e que estimulam o afloramento de doídas lembranças, Nava assim se refere ao Rio de Janeiro:

À medida que as obras do metrô e a insensibilidades dos procônules nossos governantes vão demolindo de preferência o que há de sentimental, histórico e humano no Rio de Janeiro, multiplico meus passeios pelas ruas malferidas – como quem se despede. Assim acompanhei, qual agonia de amigo a depredação da Lapa.

Demolição e rememoração, palavras plenas de significado dicotômico: lembrar para impedir o esquecimento provocado pela erosão do tempo e pela ação dos homens

nas cidades. Cidades que como a Buenos Aires de Borges “[...] correm o risco [...] de ter seu passado apagado, ou, ao menos, encoberto pelas novas construções, que acumulando tempo, predeterminam a paisagem e dissolvem a memória”⁶.

Memória: lastro das mudanças

As cidades são memórias acumuladas. São memórias perdidas. São memórias silenciadas. Para Borges,

Somos nossa memória,
somos esse quimérico museu de formas inconstantes,
essa pilha de espelhos rotos.
Muitas vezes, as cidades se transformam em espelhos distorcidos do passado,
pois o tempo não permite a reprodução intacta das imagens perdidas. As
memórias são lastros das mudanças, apesar de quererem ser esteios da
preservação. Lembramos do que já passou, do que se perdeu na orgia da
temporalidade, adquiriu novas formas e até novos significados.

As cidades nas quais vivemos são essência do presente imposto. As cidades das
quais nos lembramos são alimento das recordações, essência de um passado perdido.
Buscamos ressignificar a vida presente, reencontrar lugares e pessoas, como o faz
Borges no poema Yesterdays:

[...] Minha verdadeira estirpe
é a voz, que ainda ouço, de meu pai [...],
Sou o que me contaram os filósofos.
O acaso e ou o destino, esses dois nomes
de algo secreto que ignoramos,
prodigaram-me de pátrias: Buenos Aires,
Nara, onde passei uma única noite,
Genebra, as duas Córdoba, a Islândia...

Transformar as cidades em centros das experiências de vida é buscar raízes nos
espaços urbanos. Nesse sentido, a mudança é tomada como perda. Inevitável perda, pois
inerente ao processo de transformação de muitas cidades em metrópoles. Cidades que se

agigantam, e que, nesse processo, transformam suas áreas centrais, em espaços inúmeras vezes degradados.⁷

Diante de um presente marcado pelo fracionamento do tempo e pela segregação espacial, os escritores fazem de suas memórias exorcismo do presente e valorização do que passou. Enxergam nas cidades dos bons tempos (o passado) singularidades, signos e representações, cujos significados são individuais, mas se tornam, pela socialização de seus escritos e pelos sentimentos de identificação por eles estabelecidos, significados coletivos.

As memórias, lastros das mudanças, são, paradoxalmente, desejo de retenção do passado. Em Nava, a relação escrita/restauração do passado fica evidente no seguinte texto:

Manhã quando decidia ir à Santa Casa por Ceará, só esse propósito já era bastante para criação de resultantes físicas da angústia antecipada do que ele (Egon) ia passar. É que tinha de despir seu presente, anular sua experiência e reassumir estado de espírito infantil – porque os dois quarteirões desta rua (de Padre Rolim à Praça Quinze) tinham sido descobertos nos seus onze, doze anos – numa manhã de escapula cidade afora. Isto lhe era devolvido pela recriação do tempo passado.

Em Borges a encontramos quase como lamento:

É pó também essa palavra escrita/por tua mão, ou o verbo pronunciado
Por tua boca. Não há lástima no Fado
E a noite de Deus é infinita.
Tua matéria é o tempo, o incessante
Tempo. Tu és todo solitário instante.

Tempo, memórianarrativa: interseções que fazem do diálogo do presente com o passado recurso de retenção e esteio de identidades.

¹ Os poemas de Jorge Luís Borges foram retirados de seus seguintes livros: Fervor em Buenos Aires; Elogio da Sombra; A Cifra; A Cegueira; Sete Noites. In: *Obras Completas*. São Paulo: Globo, 2000 /2001. 4 vol.

² Os fragmentos das memórias de Pedro Nava foram reproduzidas de seus seguintes livros: Baú de Ossos (1999); Balão Cativo(2000); Cão de Ferro(2001); Beira Mar (2003) ; Galo das Trevas(2003) e Círio Perfeito(2003). São Paulo: Ateliê Editorial .

³ YURKIERVICH, Saul. Los signos vanguardistas: el registro dela modernidad. In: PIZARRO, Ana (org) *América Latina: Palavra, Literatura, Cultura. Vanguarda e Modernidade*. São Paulo: Memorial UNICAMP, 1995.v. 3. pp 89-97.

⁴ D' ÁLÉSSIO, Márcia Mansor. Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. Projeto História – EDUC. São Paulo, n 17, p 269-280, 1981.

⁵ RODRIGUES, Adriana Pérsico. Identidades Nacionales Argentinas, 1910 y 1920. in: ANTELO, Raúl (org). *Identidade e Representação*. Florianópolis: UFSC, 1994. p.76-90.

⁶ PINTO, Júlio Pimentel. Uma memória do mundo: ficção, meória e história em Jorge Luís Borges. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p 115.

⁷ MUNFORD, Lewis. A Cidade na história. São Paulo: Martins Fontes, 1991.